

PRIETO, Victorino Pérez

*Prisciliano, um cristão livre*

Vila nova de Famalicão: Editorial Novembro, 2017. 343 p. ISBN 9789898825650

PAULO REIS GODINHO

Doutorando na Universidade Aberta

Doutorado em Teologia pela Pontifícia Universidade de Salamanca e em Filosofia pela Universidade de Santiago de Compostela, o autor é atualmente Professor na Universidade São Boaventura em Bogotá (Colômbia). A obra foi prefaciada pelo escritor Aberto S. Santos e apresenta prólogo da Professora Maria Pilar García Negro da Universidade da Corunha. O autor dividiu a obra em quatro partes: I – Quem foi Prisciliano?; II – Prisciliano nas origens da cultura galaico-portuguesa: o movimento espiritual e intelectual dos séculos IV-V; III – O eco de Prisciliano na Galiza e em Portugal até à segunda metade do século XX; IV – Prisciliano na cultura galega e portuguesa desde a segunda metade do século XX até hoje. Acresce a esta divisão a introdução, a conclusão, bibliografia sobre Prisciliano e o índice onomástico.

Victorino Pérez Prieto conduz-nos, no decurso da primeira parte da obra, ao longo de uma viagem histórica pela figura de Prisciliano asceta, profeta e símbolo, e do Priscilianismo. Aqui procura reabilitar a figura do reformador, apoiando-se em numerosos e distintos autores, tanto coetâneos como hodiernos. A sua ampla formação humanística permite centrar a nossa atenção precisamente no apodo “símbolo”, sem descurar a dimensão ascética e profética do condenado Prisciliano. A polissemia inerente à categoria “símbolo” permite aproximar-nos de Prisciliano mediante uma panóplia de abordagens, a saber, como teólogo genial, como condenado por heresia, como herege reabilitado, como precursor de um movimento contra o poder e inclusive como um mito necessário para o espaço simbólico galaico-português.

A segunda parte da obra fornece-nos, de forma mais sintética, um vislumbre sobre a influência de Prisciliano na emergente cultura tardo antiga do espaço galaico-português. De facto, a culta *Galaecia* opina abundantemente sobre o saber teológico, no seu sentido amplo, isto é, ramificado por toda a realidade sapiencial, mercê da abundância de escritos priscilianistas e antipriscilianistas. Exemplo admirável é o apartado reservado à peregrina galega Egéria, mormente na sua faceta itinerante e de escritora, alvitando-se a sua pertença aos círculos priscilianistas e até mesmo o conhecimento, na sua mocidade, do próprio Prisciliano, dada a sua pertença ao mesmo estrato social. O mesmo vale para Paulo Orósio, talvez o primeiro teólogo da história do pensamento ocidental a par de Santo Agostinho, com quem mantém estreitas relações.

A terceira parte da obra abala os fundamentos de um certo sector do catolicismo galaico-português ao levantar a hipótese, verosímil, de o culto jacobeu ser uma “romanição” do culto às relíquias do corpo de Prisciliano por via litúrgica e das peregrinações (Caminho de Santiago). Não menos perturbadora é a asserção da persistência do priscilianismo na heresia cátara e albigena ou mesmo a incidência do priscilianismo no monaquismo

---

nascente, principalmente por via das mulheres, as quais, no entender do autor, foram as fiéis cuidadoras da chama de Prisciliano. De facto, estas procuravam, aparentemente, em Prisciliano a igualdade, o reconhecimento da sua dignidade e a liberdade, e paralelamente a participação nas ordens ministeriais-sacerdotais da comunidade. Também a redescoberta pelo protestantismo, mormente pelo pietista Gottfried Arnold, faz persistir a santidade reformadora de Prisciliano ao longo dos séculos XVI-XVII. A mesma simpatia para com Prisciliano será encontrada em Sampaio Bruno, Teixeira de Pascoaes, Jaime Cortesão e Agostinho da Silva, normalmente aliada a um aparente enfrentamento ao catolicismo romano vigente, o qual condenou Prisciliano, bem como a um certo "sebastianismo". Otero Pedrayo, Vicente Risco e Castelao transpõem para contexto galego a visão martirial, feminista e radicalmente evangélica proposta por Prisciliano e seus seguidores.

A quarta parte da obra inicia-se pela constatação da continuação de uma certa dicotomia nos estudos académicos sobre Prisciliano. De facto, o herege reabilitado é visto como um misto de luta e drama, um místico heterodoxo, um mártir apócrifo ou um profeta contra o poder, tanto pelos ensaístas galegos como pelos portugueses. A figura surge, pois, não isenta de controvérsia e quase impossibilitada de lograr consenso. Não obstante, inclusive na literatura galega e portuguesa, apresentada num segundo momento deste capítulo, Prisciliano é descrito como mobilizador de um pensamento e identidade legítima, de um cristianismo próprio, de um movimento cristão libertador e democratizador, além de precursor do Caminho de Santiago, como atrás referimos.

Por outro lado, desponta um certo peso antropológico do priscilianismo: rigor ascético, austeridade franciscana, vegetarianismo, espírito ecológico de amor à natureza, mas também a defesa de uma quase revolução eclesiológica que transborda na imperatividade de uma igreja mais democrática, que permita maior acesso das mulheres à formação e ensino teológico, como ao ministério sacerdotal ordenado. Estas últimas asserções afastam-se ligeiramente do tema histórico, adentrando-se em terrenos um pouco mais teológico-pastorais, particularmente quando o autor quase iguala Prisciliano a Leonardo Boff e urge o Papa Francisco a corrigir o temor do seu predecessor Dâmaso, que deixou matar Prisciliano. Diatribes teológicas à parte, a incursão do autor pelos mais variados veios da realidade cultural: literatura, arte, cinema, pensamento, merece os maiores encômios do leitor abalizado, logrando magistralmente o encontro com a manifestação da figura de Prisciliano e do priscilianismo ao longo dos séculos da era cristã.

Em suma, não soa exagerado, nem ultrapassa a medida de uma recensão crítica, a constatação de que o autor teve o mérito de apresentar não apenas uma biografia ou bibliografia de Prisciliano, insistindo outrossim no priscilianismo que explicitamente se prolonga nos séculos imediatos à sua morte e implicitamente permanece na cultura galaico-portuguesa até aos tempos hodiernos. Como se refere na contracapa da obra ora em análise: "Prisciliano é a maior individualidade que a *Galaecia* conheceu. Não foi um homem solitário, foi um homem do seu tempo e, ainda mais profundamente, do seu povo".